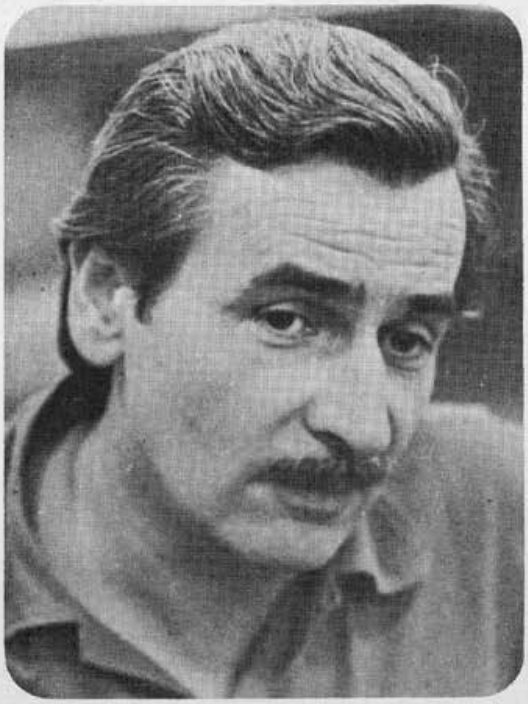

George Jonas.

"A COMPADECIDA"

Em busca de uma linguagem popular

Entrevista a Miriam Alencar

"George Jonas fêz em A Compadecida *o filme com o qual sempre sonhei. Contando com a colaboração inestimável de Francisco Brennand, de Lina Bó Bardi, de Sergio Ricardo, dos temas musicais sertanejos e de Capiba, fêz um filme épico, festivo, popular e emocionalmente nordestino. O romanceiro e o teatro populares do nordeste são assim também. E como o cinema é rico e mágico, o filme dêle foi em tudo o espetáculo mais bonito que já vi feito com minha peça."*

ESTA declaração, escrita de próprio punho por Ariano Suassuna, é o documento mais valioso para George Jonas, diretor de *A Compadecida,* produção que representou o Brasil no II Festival Internacional do Filme, do Rio de Janeiro, e conquistou Menção Honrosa "pela beleza da côr e a concepção dos figurinos e do 'décor'.

Simples, modesto ao falar, calma e pausadamente, George Jonas considera-se acima de tudo autêntico brasileiro, pois naturalizado há 20 anos, desde menino, em sua terra de origem, a Hungria, ouvia falar do Brasil, que sonhava conhecer.

O Brasil, seus hábitos e sua gente assumem grande importância para o homem e o cineasta, principalmente em alguns de seus aspectos mais sedutores, os temas nordestinos, as origens da cultura, que êle pesquisou para seu filme e continuará pesquisando para futuros trabalhos.

O cinema é para Jonas o melhor veículo de comunicação. Vive do cinema e para o cinema, e nêle começou cedo, aos 16 anos, com uma câmera de manivela, fazendo um documentário sôbre obras de arte. Sempre ligado ao cinema, estudou física e química, chegando a ser coautor de uma patente para filmes coloridos, "Quimi-Color". Na Uni-

"A COMPADECIDA"

Neide Monteiro, Antônio Fagundes.

Zózimo Bulbul na cena do julgamento.

versidade de Marburg, Alemanha, estudou foto-química, dando início a uma série de pesquisas.

Veio a guerra. A solução era deixar a Hungria. Viajou inicialmente por tôda a Europa até chegar à Argentina. Imediatamente começou a trabalhar, primeiramente como assistente e, depois, como diretor técnico interino do maior laboratório sul-americano, o "Alex".

Mas, apesar da tranqüilidade, a aventura fascinou-o por um momento e empreendeu uma expedição nas selvas, onde perdeu-se durante três meses, com mais três companheiros. Encontrado, ficou com os amigos internado por algum tempo em um hospital de Guaporé. Assim, já estava com o pé no Brasil, de onde não mais saiu.

George Jonas radicou-se em São Paulo e começou a trabalhar em documentários. Em sua bagagem contam-se 70 trabalhos, com oito prêmios da Prefeitura de São Paulo; dois prêmios Governador do Estado; um Saci; além de representar por duas vêzes o Brasil no Exterior, trazendo dois prêmios internacionais na categoria de curta-metragem.

Em 1957 fundou o primeiro laboratório no Brasil para processamento de filmes coloridos, o Policrom, hoje Líder Cinematográfica de São Paulo. É, há seis anos diretor do Sindicato da Indústria Cinematográfica de São Paulo. Finalmente, há dois anos, achou-se maduro e deu início ao seu primeiro longa-metragem.

A COMPADECIDA

Tudo começou casualmente, de um pequeno encontro com o autor Ariano Suassuna. De conversa em conversa, do fascínio pelo nordeste, surgiu a idéia do filme, aprovada de imediato pelos dois. Em 1967, largou tudo e mudou-se para Pernambuco, fazendo pesquisas e locações. Em 15 de setembro de 1968 começou a filmar *A Compadecida*, concluindo essa fase da produção a 1.º de dezembro. Custou NCr$ 750 mil, financiados parte pelo Banco do Estado de Pernambuco, parte pelo Banco do Estado de São Paulo, o restante de seu próprio bôlso.

— "*A Compadecida* é um trabalho sincero, nada há de falso ou mal intencionado" — diz George Jonas. "Sinto-me realizado com o filme. Por êle, deixei tudo de lado, até a família, trabalhando vinte horas por dia. Baseado no romanceiro popular do Nordeste, procurei valorizar tôda a arte popular local. É a cultura brasileira. É um filme de intenções populares, alegre, pois 'tristeza é para o diabo'. Acho que deu certo".

"Quis fazer um filme lúcido, destacando os valores nacionais, procurando um estilo nôvo que seria o estilo sertanejo do cinema. Sôbre êste aspecto, Fritz Lang, depois de assistir ao filme declarou: '... além de extraordinário, tem seu estilo próprio'. Meu filme não tem influências de outros diretores. Quanto a Alberto Cavalcanti, assim se manifestou: 'orgulho-me de ser brasileiro por ver na tela um filme tão brasileiro'. Ro-

Regina Duarte, Zózimo Bulbul.

Paulo Ribeiro (o Palhaço) anuncia o espetáculo.

berto Santos recebeu-o afirmando que é uma das obras cinematográficas mais sérias que já viu no Brasil".

— "A tese do filme se resume em duas frases ditas pelo palhaço: 'Vem ver no palco da vida a vida do palco, pois esta é um espetáculo altamente moral e um apêlo à misericórdia'. Êste é o conceito de *A Compadecida*: colocar acima da justiça o amor pela humanidade".

— "Procurei fazer um grande espetáculo circense sertanejo, abordando problemas universais que o próprio autor havia colocado na peça. Atualizei êstes problemas e as soluções técnicas e artísticas. Quanto ao realismo de que lanço mão em alguns quadros, como o da morte, por exemplo, êle está dentro da sátira. As mortes foram realistas porque com ela não se brinca. A morte tem que ser levada a sério. Também, porque o realismo das mortes é que dá a importância ao julgamento. Se a morte fôsse de brincadeira, o julgamento seria enfraquecido".

— "*A Compadecida* é um trabalho pioneiro valorizando o que tem o nordeste, pois a meu ver, o que mais necessita a região é divulgação, é a confiança do País, que ela espera para resolver seus problemas. A arte popular do nordeste é essencialmente simples, do povo. Procurei dar ao filme esta simplicidade. Considero a arte mais arte quando ela é simples. Talvez para alguns, esta arte não esteja devidamente interpretada. O público está mais acostumado a ver as coisas rebuscadas. *A Compadecida* não tem nada rebuscado, com os enquadramentos obedecendo a composição rigorosa. Procurei uma forma de me expressar dentro da maior simplicidade, utilizando aquela linguagem que o povo nordestino naturalmente usa. A crítica não percebeu os enquadramentos mais difíceis que o filme continha. E o final, com todos juntos, tem tôda uma estrutura shakespeariana".

George Jonas considerou sua equipe excepcional e de contribuição decisiva para o alcance de seus objetivos. Cita Lina Bó Bardi,. responsável pela cenografia. Ela é profunda conhecedora do Nordeste e fundadora do Museu de Arte da Bahia, tendo feito pesquisas durante cinco anos. Francisco Brennand, pintor, ìntimamente ligado à cultura nordestina, desenhou 116 quadros do filme. Para Jonas é decisiva a côr que caracterizou os personagens. Por isso procurou dar uma dimensão maior da realidade, interpretando-a. Quanto a Ariano Suassuna, Jonas considera-o um irmão. Colaborou, sem nada impor como autor da obra original.

Alimentando grandes esperanças de que o filme tenha bom resultado comercial, George Jonas já firmou um acôrdo para distribuição na Europa.

— "*A Compadecida* é um nôvo cinema, pois é a primeira vez que se faz êsse tipo de comédia épica no Brasil. Se o 'cinema nôvo' tem méritos na busca de uma nova linguagem, acho que a linguagem nova de *A Compadecida* também tem seu mérito indiscutível".